A Perversão na Psicanálise de Freud a Lacan: uma trajetória rumo ao discurso

Cristiane Camponogara Baratto[1]

RESUMO

Buscando o aprofundamento de questões psicanalíticas, vemos a importância de se tratar do tema da perversão. Ao longo deste artigo, buscamos retomar na obra freudiana elementos que serviram para definir a perversão. Retomaremos os textos mais importantes de Freud que serviram de apoio para sua teoria e para os estudos posteriores. A partir disso, discutiremos esse conceito a partir de autores pós-freudianos de inspiração lacaniana, apontando aproximações e afastamentos do trajeto de Freud quanto à perversão. Neste trajeto, identificamos momentos da perversão como conjunto de fenômenos até ser, por fim, considerada como um discurso de uma estrutura. Exploraremos as características do discurso e estrutura perversa e pensaremos, na clínica psicanalítica, as implicações e possibilidades para o analista trabalhar com a perversão.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. História da perversão. Discurso. Clínica.

1 INTRODUÇÃO

Com base na percepção da importância de um estudo sobre a perversão para o desenvolvimento constante da psicanálise, fomos em busca de outros estudos que trouxessem reflexões acerca do assunto, de sua história e trajetória na psicanálise. Ao longo do ensaio, retomaremos o percurso da fenomenologia inicial das teorizações da perversão até a visão de uma estrutura psíquica e de discurso

1 Psicóloga, especialista em Saúde Mental pelo Grupo Hospitalar Conceição (GHC).

perverso. Para atingir tais expectativas, utilizamo-nos de pesquisa bibliográfica em textos clássicos e também atuais sobre o tema.

A psicanálise de Freud faz uso do termo em sentidos diferentes e que variaram conforme as suas publicações. Apresentamos suas conclusões e suas modificações e como seus conceitos repercutiram nos teóricos posteriores, os quais constroem a perversão enquanto discurso, afastando-se ainda mais da fenomenologia. Por fim, discutimos e discorremos sobre esse discurso e suas implicações na clínica psicanalítica.

2 O CONCEITO DE PERVERSÃO

Podemos ver e ouvir as palavras perversão e "perverso" sendo utilizadas nas mais diversas ocasiões e pelas mais diversas pessoas e profissionais. Ceccarelli (2011) critica este uso que a palavra perversão tem atualmente, principalmente no meio médico, psicológico e analítico, afirmando que o termo tem sido empregado como se fosse um fetiche para diagnosticar, sem o tempo necessário para isto. Ou seja, comportamentos que provocam angústia e estranheza às pessoas são automaticamente ligados a um diagnóstico de perversão.

Neste sentido também Dör (1991) brinca de fazer um "retrato falado" do perverso – segundo os comportamentos-critérios para ser um – em que ele é registrado identicamente a um delinquente, alguém que faz o errado, coisas ruins. Este autor nos adverte que o risco que corremos com essa ânsia pelo diagnóstico a partir de apreciações ideológicas contradiz o caráter de causalidade psíquica inconsciente do processo perverso.

Separemos a perversão enquanto categoria nosográfica da psiquiatria da perversão enquanto uma estrutura da psicanálise. Leite (2010) diz que a perversão, para a psiquiatria, refere-se a transgressões diante de uma norma (sexual) e que foram classificadas primeiramente por Krafft-Ebing e Havelok Ellis.

Como sabemos, a psiquiatria desenvolveu um manual diagnóstico universal, chamado *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), para classificar transtornos e síndromes. Em sua versão de número IV, o que era "perversão" foi renomeado para "parafilia" (APA, 2000). Roudinesco (2008) afirma que

essa modificação teve como objetivo excluir a referência a Deus, bem e mal, lei e transgressão, gozo e desejo. Além do nome modificado, acrescentaram-se as fantasias como sendo parafilias e outras práticas diferentes das citadas numa categoria de "parafilias não especificadas". Trata-se de um conjunto de sintomas que podem ser observados e encaixados nas classificações deste manual. Difunde-se, assim, uma cultura da lógica do fenômeno para se diagnosticar a perversão.

A perversão na leitura psicanalítica é o que discutiremos ao longo deste artigo. Podemos adiantar, com Roudinesco (2008), que estamos entendendo perversão por uma das opções do sujeito ante a castração; é da ordem do desejo, e não mais da ciência do sexo. Ou seja, é um fenômeno de linguagem, sexual, político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas que possuem atitudes de proibição (ROUDINESCO, 2008). É, portanto, um fenômeno de discurso.

3 FREUD E A CONSTRUÇÃO DE PERVERSÃO

Inúmeros autores propõem momentos na obra de Freud no que diz respeito à concepção de perversão. Acreditamos na importância de voltarmos nossa atenção para momentos do início de sua obra, como as correspondências endereçadas a Fliess.

Encontramos nas cartas de Freud a Fliess, as primeiras considerações da perversão enquanto uma psicopatologia. Destacamos a carta 57, de 24 de janeiro de 1897, na qual Freud introduz a clássica sentença de que a perversão é o negativo da histeria, sentença que discutirá mais adiante nos Três ensaios de teoria sexual (1905). E destacamos, também, a carta 75, de 14 de novembro de 1897, em que o autor novamente traz à luz a animalidade da perversão, afirmando que se as zonas sexuais pelas quais a criança passou anteriormente não foram abandonadas em detrimento de uma posterior, isto seria a causa da perversão. Ceccarelli (2011) aponta que, nas cartas endereçadas a Fliess, a perversão é tida como a ausência do recalque orgânico. Este autor afirma que a questão da organicidade da perversão perdura em toda a obra de Freud, mesmo que com menos força nos últimos anos de sua escrita.

Seguindo a cronologia, chegamos ao texto dos Três ensaios de teoria sexual (1905). Aqui vemos que Freud se propõe a classificar o que chamou de "aberrações sexuais". Ele as separa em aberrações quanto ao objeto (inversão/homossexualidade, pedofilia, zoofilia) e quanto à meta (transgressões anatômicas/ânus, boca, pele; demoras/tocar e ver; sadismo e masoquismo). A visão que ele possui nesta época é muito marcada pela sexologia e psiquiatria e possui um caráter quase que unicamente descritivo.

É nos Três ensaios que Freud trata da questão que formulou e situou anteriormente, sobre a neurose ser o avesso da perversão. Freud, segundo Dör (1993), diz que "os sintomas neuróticos ressaltam sempre de um recalcamento dos componentes pulsionais da sexualidade" (DÖR, 1993, p. 33), mantendo na fantasia os desejos "bizarros". Kaufmann (1996) complementa que as perversões atualizariam, na realidade, modos de satisfação sexual recusados na neurose. Essa recusa na neurose manteria ativados os componentes sexuais no sintoma. Dessa forma, podemos entender como Freud situa, a partir disto, a perversão: esta não recalcaria estes componentes, deixando-os manifestar em atos. Ceccarelli (2011) traz a questão para o tratamento. Ele diz que, sendo uma o negativo da outra, ambas são afetadas pelo recalque (*Verdrängung*) e podem ser tomadas em análise. É importante lembrar ainda que, como o foco dos estudos de Freud neste momento está na histeria, a perversão é vista apenas em função desta, sem uma maior curiosidade teórica.

Freud define, finalmente, que a pulsão sexual, na perversão, precisa lutar contra algumas resistências, como a vergonha e o asco, para chegar a seu objeto e sua meta. Estas e outras defesas se desenvolveriam muito cedo na vida da criança e manteriam a pulsão circunscrita no normal. O desenvolvimento ou não de uma perversão estaria centrado nesta oposição: possuir ou não estas defesas.

Um último ponto a comentar sobre os Três Ensaios de Freud é a questão da sexualidade infantil ou perversidade polimorfa. A criança, vista até então como "inocente", agora é provida de sexualidade e uma sexualidade necessariamente perversa. A qualidade de perversa é atribuída à sexualidade uma vez que impõe outros objetos e outros fins que não o objeto e o fim sexual "normal" para a satisfação da pulsão (KAUFMANN, 1996). Ferraz (2002), citado por Ceccarelli

(2011), nos diz que "Freud entende a perversão como 'a manutenção da sexualidade perverso-polimorfa na vida adulta', sendo a 'normalidade' a primazia da sexualidade genital" (CECCARELLI, 2011, p. 139). Esta teorização passa pelo desenvolvimento psicossexual infantil, demarcando as fases de modo cronológico e mostrando as dimensões que isto toma na vida adulta conforme a questão for trabalhada.

A tentativa de separação e definição das perversões que Freud escreve em 1905 não consegue se sustentar e move o autor a sair das realizações sexuais para pensar em uma estrutura perversa (DÖR, 1993), ou seja, uma articulação que conta com o complexo de Édipo e o complexo de castração. Neste momento, é possível notar a passagem do termo "perversões", no plural, para "perversão", no singular, que caracteriza uma modificação na teorização de Freud, de considerar os sintomas que classificam nosograficamente para considerar uma formação psíquica perversa. Freud, nesta época, vê a perversão como uma estrutura baseada na renegação (recusa) da castração e com fixação na sexualidade infantil.

Para aprofundar essa discussão, trazemos elementos do texto de 1915 intitulado "Pulsões e destinos da pulsão". Nele, Freud afirma que a sexualidade da criança é necessariamente perversa pelo seu funcionamento parcial, já que impõe outros objetivos que não o sexual genital. Essas pulsões parciais podem, todavia, persistir como tendências perversas no adulto, por exemplo, sob a forma de prazer preliminar. A perversão no adulto, por assim dizer, resulta da reaparição de um ou vários componentes da sexualidade infantil e seria, por consequência, uma regressão a um estágio anterior da evolução libidinal onde o sujeito teria se fixado. O fetichismo é o que deixa a questão da parcialização mais clara, pois o objeto do investimento libidinal é totalmente substituído.

Indo adiante com as publicações freudianas, temos um texto utilizado para as construções atuais sobre perversão chamado "Batem em uma criança: contribuição ao conhecimento da origem das perversões sexuais", de 1919. Ali, a perversão é vista a partir dos destinos do complexo de Édipo (CECCARELLI, 2011). Para o próprio Freud, este é um texto sobre a origem das perversões em geral – ou da perversão –, especialmente do masoquismo, e que nos ajuda a entender o papel que a diferença sexual tem na neurose.

A representação-fantasia "batem em uma criança" apresenta o traço primário de perversão. Este traço estaria na classe das perversões infantis que mais tarde podem cair sob efeito da repressão, serem substituídas por uma formação reativa ou sublimadas. Freud aponta, ainda, que se esses processos impedem a perversão na vida adulta. Ou seja, não apenas a perversão se constitui por um mecanismo de defesa próprio, mas esse mecanismo entra em ação quando outros mecanismos de defesa atuam para que ela não se instale.

Freud situa essa e outras fantasias de agressão, ao fim ou depois do complexo de Édipo, como um produto ou cicatriz dele. Da mesma forma que as perversões infantis e adultas, a neurose e a psicose só podem ser situadas a partir deste complexo, onde a vida sexual da criança alcança a organização genital.

Segundo o próprio Freud, os atos considerados estranhos da perversão, que vêm depois das tentativas de normalidade, são acolhidos dentro dos processos de desenvolvimento familiar, considerados pelos integrantes como "normais". Vemos, com isso, que o autor situa uma sustentação da perversão no meio em que o sujeito se insere. Podemos inferir que o pai e a mãe (enquanto funções) são agentes dessa acolhida, promovendo a instalação de uma estrutura perversa a partir da aceitação desses atos e, consequentemente, dos desejos que estão por trás deles. Dito de outro modo, pelo não empreendimento do interdito.

Com pensamento semelhante, em 1923, Freud escreve um texto breve intitulado "A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade". Tanto a organização genital infantil quanto adulta, para ambos os sexos, reside na ideia de que apenas o genital masculino desempenha um papel. Freud certifica-se, então, que não se trata de uma primazia genital, mas, sim, da primazia do falo.

Alguns anos depois, em 1924, Freud escreve "O enterro do complexo de Édipo", tendo em vista a função da castração no desenvolvimento psicossexual da criança. A partir da afirmação de Freud de que "a organização fálica do menino se fundamenta na ameaça de castração" (FREUD, 1924, p. 44, tradução nossa), entendemos a importância que o autor passa a dar a este momento, já que qualquer estrutura psíquica estaria às voltas com possuir ou não o falo. Apesar da ameaça de castração se situar em um período remoto da vida infantil, ela obtém

seu efeito com posteridade, quando o sujeito é chamado a responder a partir de uma posição sexuada na sociedade.

Freud conclui o texto do enterro do complexo de Édipo apresentando o resultado deste complexo: o Supereu. O Supereu é uma instância caracterizada por uma rigidez sobre o eu, exigindo a lei e instaurando a culpa. Leite (2010) define o Supereu como o que permite entender por que damos determinado sentido a um significante, ou seja, seu registro marca as possibilidades e impossibilidades na linguagem. Podemos nos questionar se, tendo uma falha no processo de castração, haveria também algum tipo de consequência sobre o Supereu? Acreditamos que sim. É esta estrutura que contém os interditos da função paterna que estão neutralizados no caso da perversão. A questão apontada anteriormente sobre a culpa toma lugar aqui. Se não encontramos nenhum registro de impossibilidade e proibição, também não encontramos o porquê de sentir culpa por determinadas ações.

A questão das recusas e da cisão aparece mais concretamente em um texto de 1927, "Fetichismo". Nele, Freud descreve a cisão como um mecanismo empreendido para que coexistam duas representações inconciliáveis entre si no eu. Corrêa (2006) lembra que a cisão já aparecia como condição essencial na psicose, mas agora Freud mostra a cisão também na recusa da castração no fetichismo.

Como vimos, apesar de estar imaginariamente situado no pênis, é o falo que é castrado, ou seja, a ilusão de totalidade e potência independente de outros. Segundo Freud no "Fetichismo", o fetiche vem substituir o falo castrado da mulher – da mãe, ressalta ele – que o menino acreditou que ela teria e que não quis renunciar. Não quis renunciar por colocar em perigo seu pênis, o que mostraria o real da castração, então é menos angustiante continuar vendo-a como fálica. Dito de outra forma, o sujeito criou um fetiche para si a fim de destruir as provas da possibilidade de castração e, assim, escapar ao medo que ela provoca.

A representação de uma mulher castrada, no caso a mãe castrada pelo pai, e a representação de uma mulher fálica são representações opostas que se mantêm no eu, causando o que se chama de cisão ou clivagem; não podemos excluir a dialética entre causar e ser causado, logo as representações só se mantêm em fun-

ção da cisão, e vice-versa. A cisão é considerada, dessa forma, "uma formação de compromisso entre a percepção indesejada e a intensidade do desejo contrário" (FREUD, 1927, p. 39, tradução nossa).

Com esta breve revisão, podemos entender que Freud acabou por tomar de início as concepções valorativas da época que dominavam a opinião pública. Para Corrêa (2006), Freud partiu da observação fenomenológica dos usos e costumes, notando que a sexualidade humana situava-se entre as concepções religiosas, e buscou, a partir disto, construir sua teorização. A psicanálise, portanto, passou a considerar aspectos da vida psíquica até então não considerados, como as manifestações do inconsciente, para entender o psiquismo e a perversão.

Dessa forma, pudemos perceber que Freud abandonou a visão inicial sobre a sintomatologia das perversões sexuais. Segundo a mesma autora, ele "deixou de querer domesticar a perversão, [...] abandonou as classificações oriundas da sexologia, [...] Substituiu este dispositivo por uma conceitualização do mecanismo psíquico da perversão" (ROUDINESCO, 2008, p. 101).

4 A PERVERSÃO NA PSICANÁLISE PÓS-FREUDIANA

Neste momento teórico, vemos o desenvolvimento de vários conceitos e pensamentos freudianos utilizados em suas publicações até o momento. Além de desenvolvê-los, também são feitas novas propostas de entendimento da perversão, dentre elas, o ponto de sua ancoragem compreendido no terreno pré-edipiano. Neste "terreno" já que a perversão se daria a partir de uma identificação pré-genital, testemunhando uma adesão singular à dimensão do desejo e da castração que esclarece o caráter de "estratégia limite" que o perverso desenvolve com relação à Lei e à simbolização (DÖR, 1991).

Tratemos inicialmente do funcionamento do mecanismo da recusa na perversão, recorrendo a Pires et al. (2004) e Leite (2010). Os primeiros autores constatam que o perverso, ao utilizar-se da recusa como o mecanismo básico de sua estrutura, fecha definitivamente a entrada na castração simbólica. Isto teria como consequência a não operacionalidade do Nome-do-Pai (articulador da função fálica com o complexo de castração).

Pires et al. (2004) afirmam que a recusa incide diretamente sobre a castração da mãe e consequentemente sobre seu desejo pelo pai. Leite (2010), situando precocemente na vida da criança o ponto de ancoragem, fala sobre esta colocação de Pires et al. Na simbiose entre mãe e bebê, o bebê se identifica com o objeto imaginário do desejo dela. Essa posição pode se sustentar ou não pela mãe no complexo de Édipo. Este se caracteriza na entrada de um terceiro na relação dual entre mãe e bebê, permitindo a triangularização que instaurará a Lei paterna e permitirá a percepção da diferença sexual e a consequente castração.

Se esta entrada do terceiro não acontece, instaura-se no bebê a certeza de ser o único objeto possível do desejo da mãe e da onipotência que ele tem. Sendo o único objeto de desejo, não há espaço para a lei paterna, para a diferença sexual, para a castração, para a impossibilidade do incesto e a interdição do gozo absoluto (LEITE, 2010). Na perversão trata-se, então, do reconhecimento dos sexos e sua recusa.

A fantasia de uma mãe que se completa apenas com o filho (aqui representando o falo) não consegue se manter. O pai interdita de alguma forma o jogo do perverso que, na luta para manter sua fantasia, reage com o desafio e a transgressão, traços característicos da perversão que trataremos mais adiante. Pires et al. (2004) afirmam que é exatamente a castração representada por essa interdição paterna que será desafiada e, se possível, transgredida. Assim como a lei válida para a recusa da castração, para transgredir, também é necessário saber o que se está transgredindo. Conclui-se, então, que "o Édipo ficou sem efeito e a metáfora paterna funcionou parcialmente" (PIRES et al., 2004, p. 47).

O ponto de ancoragem considerado como pré-edipiano se situaria justamente na transição pelo complexo de Édipo, ou seja, entre as dialéticas do ser e do ter, no questionamento "ser ou não ser o falo da mãe". Esta é uma diferença entre Freud e Lacan e seus seguidores, já que Freud postula como edipiana a instauração da perversão, e os segundos como pré-edipiana, sutilmente deslocando para a questão da castração e esta como fator estruturante.

Considerando agora o período pré-edipiano, Dör (1991) identifica dois fatores favoráveis que capturam a criança nessa fronteira da dialética ser/ter: de um lado, a cumplicidade libidinal da mãe e, de outro, a complacência silenciosa do

pai. Pontos que Freud situou no texto "Batem em uma criança" como confirmação do desenvolvimento de uma perversão.

Além disso, identificar como "pré-edipiano" o surgimento das perversões implica afirmar que sua origem é um momento em que a mãe é objeto de amor tanto do menino como da menina. A identificação pré-edipiana é, portanto, identificação com o objeto que satisfaz o desejo do Outro (DÖR, 1991).

A castração subsequente institui o pai como instância mediadora do desejo. Essas operações relativas à instância paterna só são possíveis de serem realizadas através do discurso materno junto à criança, pela importância que ela dá à fala do pai e à sua autoridade (DÖR, 1991). Destacamos a importância do discurso materno, bem como seu olhar, tomado como cúmplice na imaginarização do pai e da própria mãe.

Mais um conceito freudiano é o de cisão do eu. Não encontramos muitos escritos pós-freudianos sobre isto, mas podemos entender que a questão da diferença/indiferença sexual, ou dito de outro modo, a identificação e a recusa da castração, permanece conflitante na estrutura do perverso. Dör (1991) traz para a discussão a questão do horror à castração, consequência desse mecanismo de cisão. Ele explica que o perverso é levado espontaneamente à convicção de que a mãe não tem pênis porque foi castrada pelo pai, por uma castração que incidiria no real. O pai é visto como responsável pela falta do desejo na mãe, como se tivesse imposto sua lei que faz com que o desejo de um esteja sempre submetido à lei do desejo do outro. Sabendo que a mãe deliberadamente se comprometeu com o pai na falta de seu desejo, o horror da castração surge. Isso faz com que o perverso entretenha-se "com o fantasma de um pai eventualmente não castrável, portanto, com a possibilidade de uma ausência de castração para ele mesmo" (DÖR, 1991, p. 107). O fantasma da mãe não faltante, como a do perverso, neutraliza a incidência do pai, não admitindo mais que nele haja o que a mãe deseja.

Como vimos até agora, a perversão se dá às voltas da diferença sexual. Esta, por sua vez, é tida pela teoria lacaniana e pós-freudiana como a causa significante do desejo. Isto significa que é o suporte indispensável à simbolização da falta. O perverso esforça-se para manter continuamente o empreendimento de um gozo possível liberto dessa causa significante, o que não deixa saída para ele senão subscrever ao desafio da Lei e à sua transgressão.

5 O DISCURSO PERVERSO E A CLÍNICA DA PERVERSÃO

A perversão enquanto uma estrutura é uma das leituras da condição humana decorrente da falta. Sua especificidade é determinar o objetivo de "buscar a completude (gozo) no outro, negando sua falta" (LEITE, 2010, p. 170). Este objetivo assume um formato desafiante em que o perverso tenta transformar o outro em objeto de gozo para si. Dito de outra forma, a perversão é uma imposição ao outro de algo que ele não quer: "uma forma erótica do ódio" (CECCARELLI, 2011, p. 144) e esta é a sua forma de lidar com a falta; esta é a sua estrutura.

O perverso, não reconhecendo a diferença sexual e a causa significante do desejo, tentará passar por cima dessa Lei – como já o fez com a castração –, impondo sua própria. Destacamos o caráter imperativo da lei do desejo do perverso, que não se fundamenta pela lei do desejo do outro. É neste ponto que situamos o desafio e a transgressão, conhecidos traços da perversão.

Dör (1991) nos diz que a transgressão não é nada mais que um meio para assegurar-se da existência da Lei e das interdições simbólicas que a instituem. O desafio, por sua vez, organiza-se em torno da Lei do pai. O desafio da Lei paterna situa-se, segundo o autor, no registro da dialética do ser: ser ou não ser e como ser o falo da mãe, ocupando um lugar que é atribuído a esse pai. O desafio perverso consiste em desviar o outro em relação aos limites e balizas que o inscrevem na Lei e na regra (DÖR, 1991). O mesmo autor utiliza o termo "desalienação dos perversos" para indicar a proximidade a que eles chegam das leis inaugurais na medida em que procuram estabelecer os fundamentos a todas as leis, principalmente a do seu desejo. Acreditamos ser válido inferir que a desalienação refere-se, em última análise, à proximidade da Verdade.

Em se tratando de desejo, adentramos na questão do gozo perverso. O gozo da estrutura perversa resulta de uma estratégia de captar um terceiro, convencendo-o da possibilidade de transposição de limites. O perverso coloca inicialmente a Lei do pai (e a castração) como um limite existente e, em seguida, demonstra que ela talvez não seja um limite, já que existe o risco de transpô-la. Essa demonstração afirma o benefício de seu gozo ilimitado, mas exige uma cumplicidade – imaginária ou real – de uma terceira pessoa ou, como chama Dör (1991),

uma testemunha, "que assiste à escamoteação fantasmática na qual se encerra o perverso face à castração" (1991, p. 135). Entendemos que a presença do terceiro cúmplice remete à presença do olhar da mãe, cúmplice indispensável do Outro encarnado na ancoragem da perversão.

Aqui é onde nos aproximamos de termos cunhados pela Linguística. Castro e Rudge (2003), por exemplo, especificam o discurso perverso como possuindo o aspecto de uso dominante dos performativos. Estes são "verbos usuais na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa" (AUSTIN, 1990, p. 24) e devem satisfazer as condições de não descrever, relatar ou constatar, além de não serem verdadeiras ou falsas, e o proferimento da sentença é a realização de uma ação. Ou seja, proferir uma sentença performativa não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, é fazê-lo.

Na clínica da neurose encontramos a pergunta sobre o seu desejo, um saber-suposto no analista que institui a transferência e a direção do tratamento. O perverso, por sua vez, não se pergunta, mas traz as respostas já que possui a certeza de saber a verdade de seu gozo. Isso nos leva a concluir que, neste caso, não há demanda de análise (COUTINHO et al., 2004). O perverso sabe o que e como fazer, parte direto para a realização do ato e o repete incansavelmente.

O que se configura como objetivo do perverso é fazer o outro gozar (COUTINHO et al., 2004), no caso, o analista. Em geral, o perverso procura um parceiro que, mesmo inocente, assuma a culpa por uma cumplicidade de segredo. Castro e Rudge (2008) supõem que o neurótico se encaixa bem nesse papel. Além disso, o discurso perverso precisa da lei para que possa desafiá-la, e lei é o que opera (e impera) na neurose.

Entendemos que quando se fala na impossibilidade de uma clínica da perversão, ou que uma análise (a partir da transferência) não pode se instalar com um sujeito perverso, está-se falando de uma impossibilidade de manter um tratamento sob a psicanálise em seu modelo mais tradicional e rígido. Gostaríamos de supor e apresentar uma possível clínica da perversão. Vários questionamentos se impõem quando pensamos nessa possível clínica da perversão. Tentaremos reuni-los momentaneamente em uma questão: como escapar a esse par perverso que tenta se formar na relação analítica, mantendo a ética da psicanálise?

A angústia de castração não será facilmente delegada ao analista em meio às narrativas do saber de seu gozo. As regras da associação livre e da neutralidade não são úteis para o trabalho analítico da perversão, pois, assim como qualquer lei ou regra, estão sujeitas ao desafio e à transgressão. Dessa forma, ele procura definir as regras do jogo e manter o controle do *setting* analítico (COUTINHO et al., 2004). A direção do tratamento fica comprometida na medida em que o paciente o dirige.

O analista é questionado em seu saber; tem negado o seu lugar de Sujeito-Suposto-Saber. Este lugar é campo do Outro, onde reside a angústia para o perverso – logo, portão de entrada do desejo que o perverso não adentra. Castro e Rudge (2003) complementam que, além de ser retirado do seu lugar de suposto-saber, o analista é colocado no de "Sujeito-Suposto-Gozar". Isto quer dizer que o perverso não vê no analista uma figura a espelhar-se, como um modelo em que apoiaria sua angústia e sua busca por melhora, e sim o vê como mais um que pode gozar no testemunho de suas histórias-ações.

Nessa destituição (e restituição) de lugar, restam ao analista duas posições polarizadas que vão contra a ética da psicanálise. A primeira delas é ser moralista e regulador, estabelecendo o certo e o errado, o que acabaria por estimular o desafio da transgressão. E a outra opção é ser cúmplice e *voyeur* do perverso, tornando-se objeto de gozo deste (COUTINHO et al., 2004). Estes mesmos autores apresentam uma possibilidade à clínica, ou seja, uma terceira posição que o psicanalista pode assumir sem fugir da ética: a instalação de um "Sujeito-Suposto-Fazer".

Esta posição de sujeito-suposto-fazer propicia ao analista intervir de um lugar de saber sobre o que o perverso deseja: o gozar. A "trivialização na transferência" é o meio pelo qual essa posição pode ser instalada. O analista trata as narrativas detalhistas sobre feitos perversos com trivialidade, ou seja, como se fosse algo que já se sabe. Portanto, as encenações ficam esvaziadas do tom precioso que o paciente tenta dar e o convidam a se questionar sobre elas, permitindo a percepção da sua função de defesa contra a angústia. É importante que o analista possa oscilar entre as duas posições oferecidas para a relação analítica com essa postura de sujeito-suposto-fazer, assumindo ora o *semblant* de Outro, ora de objeto (COUTINHO et al., 2004). Não possuímos outras fontes que teorizem sobre esta terceira opção

ao analista para a clínica da perversão, mas achamos necessário apontar para esta possibilidade, bem como para a importância de se produzirem estudos que venham a acrescentar na clínica psicanalítica.

Segundo o que viemos escrevendo até o momento, o discurso perverso que busca um terceiro cúmplice que testemunhe seu desafio e transgressão da lei também tenta instaurar-se na clínica. É um discurso performativo, sem descrições de fatos, mas com ações que podem envolver o analista, caso este não esteja a par da estrutura que se apresente. Além disso, é um discurso performativo que pode ser facilmente desfeito quando convier. O analista deve manter, em primeiro lugar, a ética da psicanálise para sustentar um tratamento e um endereçamento para um lugar outro que o de moralista/regulador ou de cúmplice/*voyeur*.

Concluímos que a análise pode, talvez, fazer suscitar no analisando um "estranhamento em relação ao lugar que ocupa diante do Outro, esse lugar de objeto ou de instrumento de gozo, cujo desejo é aniquilado" (CASTRO; RUDGE, 2003, p. 90). Acima disto, o sofrimento de um sujeito condenado à repetição do sintoma deve sempre ser considerado na clínica. Coutinho et al. (2004) também acreditam que a psicanálise empreende um corte no gozo do perverso, criando um espaço vazio de significações, em que a verdade pode advir. Isso propicia a possibilidade de delineamento de uma borda de contenção para o gozo mortal que toma o perverso e seu discurso.

6 CONCLUSÕES

Como vimos ao longo da construção deste ensaio, Freud transitou seus pensamentos a respeito da perversão por alguns momentos sócio-históricos que o influenciavam. Uma mudança significativa em sua obra é a passagem de "as perversões" no plural para "a perversão", no singular. Isso denota a passagem da fenomenologia dos sintomas, que classificava as patologias, para uma ideia de relação entre sujeitos, posteriormente desenvolvida como discurso perverso.

Com conceitos freudianos como o do mecanismo de recusa e o de cisão do eu, os teóricos posteriores a Freud, dentre eles Lacan, explicam a estrutura perversa e criam novas teorias a respeito desta estrutura. Estes estudos pós-freudianos

apontam para uma destituição do lugar paterno na situação edipiana e a cumplicidade da mãe com relação a este pai apagado. Não se estabelece a triangulação necessária para a saída do Édipo em direção à castração.

A perversão enquanto discurso apresenta peculiaridades de funcionamento. O saber absoluto que se tem sobre o gozo do Outro é impingido no seu relacionamento com os outros. O analista é destituído de sua posição para se tornar mais um cúmplice das suas histórias na medida em que o discurso perverso se baseia em ações através de performativos. A trivialização das histórias e a criação de um Sujeito-Suposto-Gozar no analista fundariam um questionamento possibilitador de intervenções neste sujeito que tudo sabe à nossa frente.

Somos desafiados na medida em que nos é oferecido o lugar de cúmplice e testemunha, possuidor de uma culpa pelo compartilhamento de um segredo. Somos desafiados a romper o pacto com a ética psicanalítica. Somos desafiados a sair da nossa posição de escuta para um estado de curiosidade.

Sabendo como se dá o mecanismo perverso e os modos de relação deste com os outros, e problematizando o que a psicanálise nos oferece como possibilidades de tratamento, teremos um manejo clínico que não permitirá cairmos em seu discurso provocante e sedutor. Conseguiremos lidar com alguém não atravessado pela castração sem que tenhamos que transgredir a nossa. Ou seja, continuaremos situados em uma posição onde existem, sim, impossibilidades e limitações.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 4th ed. Washington, DC: APA, 2000.

AUSTIN, J. L. Performativos e constatativos. In: _____. **Quando dizer é fazer**. (Trad. Danilo Marcondes). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CASTRO, S. L. S.; RUDGE, A. M. Perversão e ética na clínica psicanalítica. Fortaleza: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.3, n.1, p.78-95, 2003.

CECCARELLI, P. R. As Possíveis Leituras da Perversão. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v.36, p. 135-148, 2011.

CORRÊA, C. P. Perversão: trajetória de um conceito. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, v.29, p. 83-88, 2006.

COUTINHO, A. H. A.; SALLES, A. C. T. C.; SILVA, B. R.; DELFINO, E. M.; SILVA, E. M.; MORAIS, G.; MORAIS, M. B. L.; DRUMMOND, S. B. Perversão: uma clínica possível. **Reverso**, Belo Horizonte, v.26, n.51, p. 19-27, 2004.

DÖR, J. **Estrutura e Perversões**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. 2. ed. Trad. Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

FREUD, S. (1897). Carta 57 (24 de enero de 1897). In: _____. **Obras completas:** publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-99). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 487 p. (v.1).

_____. (1897). Carta 75 (14 de noviembre de 1897). In: _____. **Obras completas:** publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-99). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 487 p. (v.1).

_____. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: ____. **Obras completas**: fragmento de análisis de un caso de histeria; três ensaios de teoría sexual y otras obras (1901-05). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 314 p. (v.7).

_____. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In: _____. **Obras completas:** contribución a la historia del movimiento psicoanalítico; trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-16). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 389 p. (v.14).

_____. (1919). "Pegan a un niño": contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: _____. **Obras completas:** de la historia de una neurosis infantil y otras obras (1917-19). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 299 p. (v.17).

_____. (1923). La organización genital infantil (uma interpolación em la teoria de la sexualidad). In: _____. **Obras completas:** el yo y el ello y otras obras (1923-25). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 334 p. (v.19).

_____. (1924). El supultamiento del complejo de Edipo. In: _____. **Obras completas:** el yo y el ello y otras obras (1923-25). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 334 p. (v.19).

_____. (1979h). Fetichismo. In: _____. **Obras completas**: el porvenir de una ilusión; el malestar en la cultura y otras obras (1927-31). Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 290 p. (v.21).

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LEITE, M. P. S. **Psicanálise Lacaniana**: cinco seminários para analistas kleinianos. São Paulo: Iluminuras, 2010.

PIRES, A. L. S.; PIRES, A. L. S.; BICALHO, C. F. S.; VERGANA, E. M. M.; FONSECA, M. C. B.; LAENDER, N. R. Perversão – Estrutura ou montagem? **Reverso**. Belo Horizonte, v.26, n.51, p. 43-50, 2004.

ROUDINESCO, E. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos (Trad. André Telles). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

La perversión de Psicoanálisis: una trayectoria hacia el discurso

Resumen
Buscando la profundización de temas psicoanalíticos, vemos la importancia de tratar del tema de la perversión. A lo largo de este artículo, tratamos de reanudar el trabajo en elementos freudianos que sirvieron para definir la perversión. Vamos a reanudar los textos más importantes de Freud que sirvieron de apoyo a su teoría y de los estudios posteriores. De esto, vamos a hablar de este concepto de autores post-freudianos de inspiración lacaniana, señalando aproximaciones y salidas de la ruta de Freud a respecto de la perversión. En este camino, nos identificamos momentos de la perversión como un conjunto de fenómenos, hasta finalmente ser un discurso de una estructura. Exploraremos las características de la estructura y el lenguaje perverso y pensaremos en la práctica, las implicaciones y posibilidades psicoanalíticas para el analista que trabaja con la perversión.
Palabras clave: Perversión. Psicoanálisis. Historia de la perversión. Discurso. Clínica.